

## **Um sonho concretizado!**

Era uma menina chamada Ana que passava os seus tempos livres a observar atentamente a sua bisavó a rendilhar. Adorava esta arte e também quis experimentar.

- Avó, gostaria imenso que me ensinasses esta arte!

- Claro, minha filha, até sei a escola ideal para ti! – Respondeu a bisavó toda entusiasmada.

A Ana, muito feliz, foi ligar à mãe para lhe contar a novidade e esta achou uma belíssima ideia.

No dia seguinte a Ana foi com a mãe e a bisavó à Escola de Rendas de Bilros de Peniche para se inscrever.

-Boa tarde, em que lhes posso ser útil? – Perguntou uma senhora.

-Boa tarde, gostávamos de falar com a responsável para podermos inscrever esta menina.

-Sigam-me, por favor.

- Mãe, posso ir conhecer este local enquanto vocês fazem a inscrição?

-Claro, mas não vás para longe.

A Ana começou a vasculhar a sala e acabou por encontrar uma menina da sua idade a aprender, começaram a conviver e a menina perguntou à Ana o que estava ali a fazer. A Ana explicou que sempre teve uma enorme paixão por rendas de bilros e que ia inscrever-se.

-Boa, então significa que vamos ser amigas e parceiras!

-Sim. Qual é o teu nome?

-Magda, e o teu?

-Ana, deixas-me experimentar?

-Claro, é muito fácil!

A Magda começou a explicar como se fazia, quais eram os materiais e as suas funções.

- A renda de bilros é composta por vários materiais, uma almofada dura, designada por rebolo revestida de um pano grosso, cheia de palha ou algodão, cujas dimensões dependem da peça que se pretende realizar. A almofada fica sobre um suporte de madeira de forma a ficar à altura da rendilheira. No rebolo, é colocado um cartão perfurado (o pique) onde se encontra o desenho da renda. Nos furos da zona do desenho que está a ser realizada, a rendilheira espeta alfinetes, que desloca à medida que o trabalho avança. Os fios são manejados por meio de pequenas peças de madeira, os bilros. Uma das extremidades do bilro tem a forma de pera ou de esfera. O fio está enrolado na outra extremidade. O número de bilros utilizado varia conforme a complexidade do desenho.

- Sabes muito!. – Elogiou a Ana.

Entretanto a sua mãe chega com a novidade de que a Ana já estava inscrita e que podia começar a aprender, no dia seguinte.

A Ana pulou de alegria e despediu-se da sua nova amiga. Com tanto entusiasmo nem dormiu de noite.

Passaram-se meses, a Ana já executava muito bem rendas e criava ostentosas peças, tornando-se uma bela rendilheira e defensora acérrima desta arte tão nobre do nosso concelho!

**Érica Pereira Peneira e Margarida Pereira Sousa**